

[CONTOS COMPACTOS]

[CONTOS COMPACTOS]

Produzidos por alunos da 2ª série do Ensino Médio
da Escola Vera Cruz - 2019



[CONTOS COMPACTOS]



Direção Pedagógica: Regina Scarpa

Coordenação: Ana Maria Bergamin

Professor de Redação: Luiz Venâncio Aiello

Professora Orientadora da 2ª série: Marli de Barros

Psicóloga Escolar: Simone Fernandes



Projeto gráfico: Kiki Millan

[*]

Amanda Louro Sanchez | André Monteiro | Bruno Rosenblit
| Davi Terra | Fernanda Lazaretti | Fernando Kalaidjian
| Gabriel Sanchez | Gabriela Citino | Helena Brotherhood
Pimentel | Helena Sader | João Magalhães | João Pedro Gadel
Lima | Laís Thomaz Bastos | Laura Cruz | Laura Dyck | Luca
Perotti | Lucca Levin Cecato | Manuela Faldini | Nina Furlan
| Pietra Porto | Rafael Rivelino | Thales Correa Tavares

Disciplina: Redação (Prof. Luiz Venâncio)

[*]

Foi caixa de banco, açougueiro, gari,
professor. Hoje revende no farol microcontos
comprados de adolescentes por 10 reais o quilo.

[Luiz Venâncio]

[*]

Na manhã de sábado, Luiz lê para as crianças, passeia com os cachorros e cuida dos idosos. Aos domingos, se conforta na cabine do confessionário.

[Helena Sader]

[*]

Manifestação de várias pessoas insatisfeitas. Lado a lado, cada uma com seu discurso, nem todos coerentes, mas todos expressivos. O menino quis deixar sua marca, pegou sua tesoura e embaixo da mesa escreveu: “Fora Temer” .

[João Magalhães]

[*]

O mico número 27 se sustentava com a ajuda do paredão e ingeria seus restos contados. Viu uma luz e a seguiu. Lá, a diversidade se banhava em frutas, mas 27 sentiu sede e preferiu voltar depressa para a sua casa apertada.

[João Pedro Gadel Lima]

[*]

A mosca entrou no vinho, que tinha sido servido para a comemoração da bem-sucedida dedetização de uma vinícola em Bordeaux.

[Luca Perotti]

[*]

Joana tinha 20 anos, mãe de um menino de 5, fruto de uma gravidez não planejada que lhe roubara a juventude e algumas horas de sono. Era filha de costureira e ajudava na marcenaria de seu avô. Desde nova, era familiarizada com tudo aquilo que pudesse cortar.

Um dia, vendo seu filho dormir, quieto como nunca estivera, soube que era a hora de fazer aquilo em que já pensava há dias. Pegou a tesoura, em silêncio - se o menino acordasse e a encarasse com seus grandes olhos marrons, já não conseguiria continuar.

[Gabriela Citino]

[*]

Ernesto era fino e rico. Toda quarta-feira, ia aos cinemas na sessão das 19:30. Tinha preferência por filmes britânicos, mas quando não estavam em cartaz, optava pelo cinema mediterrâneo. Ao final da sessão, Ernesto jantava em sua própria companhia no mesmo restaurante alemão, e voltava para seu duplex, onde, geralmente, apenas tomava banho e dormia. Toda manhã, corria pela Lagoa Rodrigo de Freitas e passeava na praia antes do trabalho, onde era reconhecido e bem remunerado, apenas com exceção das segundas-feiras, quando, religiosamente, vestia sua melhor roupa e se punha a mendigar em frente ao calçadão de Copacabana.

[Helena Sader]

[*]

Briga de bar

o quê = briga de bar

com quem = Cláudio Bravo, jogador de truco, o mais temido do bar da pesqueira. E Jorge da Toca, o flamenguista mais flamenguista dos flamenguistas.

onde = Na mesa de centro do bar da pesqueira.

quando = Na tarde de sexta-feira depois do término do flafu.

como = Claudio Bravo se armou com uma das várias garrafas vazias que se encontravam na mesa e com uma cacetada iniciou a briga.

por quê = motivo misterioso.

[Lucca Levin Cecato]

[*]

Ademir de Paula entrou em um “club” ,
pediu um copo d’ água, foi ameaçado e saiu
agradecido.

[Fernando Kalaidjian]

[*]

Chegou em casa tremendo. Acordou morto no dia seguinte. Era tudo um mal entendido.

[Gabriel Sanchez]

[*]

Subiu naquele prédio como se fosse alto,
olhou aquela vista como se fosse linda, pensou
em sua vida como se fosse mágica, deu meia
volta e desistiu do pulo.

[Helena Brotherhood Pimentel]

[*]

É esse o momento.

Ali está Manuel, parado no alto de uma escada. Abaixo, uma porta o encara. Ele responde com o olhar e fita, pensativo, cada um dos degraus que o estão aguardando, visualizando em sua mente seus próximos passos. O dia e a hora estão corretos.

Manuel dá seu primeiro passo e para novamente. Respira.

Não posso mais esperar, preciso descer; e dá mais um passo. Seus músculos começam a tremer, sua cabeça balança. Terceiro degrau. Quarto. O tempo é curto. Agora Manuel está decidido. Mais um degrau. E outro. Os passos ficam acelerados. É uma corrida até o fim da escada.

Faltando dois degraus ele para. Respira fundo mais uma vez e vira para a frente, segurando-se para não subir de volta os degraus que acabou de descer. A porta ainda olha em sua direção, hostil, à espera.

Criando coragem, ele se aproxima. De perto, consegue ver todas as ranhuras na madeira, as manchas de verniz, ameaçadoras.

Seu braço se estende, ele põe a mão na maçaneta gelada e a segura com força, as pontas dos dedos ficando roxas.

Ele a gira e empurra a porta. Nada acontece.

Empurra com mais força. A porta não se mexe. Está trancada.

Manuel terá de esperar a semana que vem.

[Davi Terra]

[*]

Uma folha é pisada por um garoto na sua volta da escola. A rua está vazia, tirando um fusca velho e uma senhora no jardim. O único som é o vento rugindo e o tênis contra o concreto. A mochila pende nas suas costas e seus olhos pesam. Quando vira a esquina, deixa o fusca e a senhora para trás. Vê uma flor no meio do caminho e se agacha para pegar. O vento continua rugindo e o tênis continua sobre o concreto. A mochila é jogada no chão e seu corpo é arrastado. A flor cai. O único som é o vento rugindo.

[Laura Dyck]

[*]

Meio dia na Augusta, foliões por toda a rua; em meio a música, dança e confete, mal eles percebem a melancolia da rainha de bateria.

[Pietra Porto]

[*]

A menina com os olhos molhados encarava o abismo à frente. Fechou os olhos, se jogou e caiu na piscina.

[Manuela Faldini]

[*]

Claudia é uma auxiliar de jardinagem residente do condomínio ao lado da cerejeira. Certo dia, durante seu expediente, Claudia tropeça, cai e some numa poça de lama. Nunca mais se ouve falar em Claudia.

[Laura Cruz]

[*]

Despedidas

“A vida lá fora anda quente, mesmo com o céu nublado, as estrelas brilham e nas ruas não se vê mais gente. Três comércios abertos atendem, juntos, zero clientes. Por esse horário, a construção já parou e vejo, estacionados ao lado da calçada, seis carros. Mesmo com a rua vazia, os faróis abrem e fecham e enquanto a cidade dorme, algumas árvores balançam as asas sem sair do chão. O cheiro é de madrugada, e me sopra uma brisa fraca na pele. É final de ano, e as ruas se encontram enfeitadas, as luzes piscam com cores festivas, a vida anda quente lá fora. Sentirei falta.” Dizia a moça depressiva, com lágrimas nos olhos, observando a janela.

[Amanda Louro Sanchez]

[*]

Gabriela era estudante do segundo ano de um bom cursinho. Em uma tarde precisou colocar todos seus conhecimentos em folhas de papel. Ela suou, chorou, cansou, pensou. E, no dia seguinte, procurou seu nome na lista.

[Fernanda Lazaretti]

[*]

Uma caminhada qualquer

Ela voltava do trabalho, cansada, já não aguentava mais. Amanhã, finalmente, poderia dormir o quanto quisesse e não teria que aguentar mais um dia infernal.

Andava sozinha. Virando a esquina, percebeu, com o canto do olho, que alguém a acompanhava. Sempre ficava agoniada quando passavam por ela; pensou que seria apenas uma angústia qualquer.

“Na próxima esquina ele vira”, pensou. Não virou. “Ele deve parar em algum lugar”, esperou. Não parou. “Ele deve estar para indo pelo mesmo caminho que eu, só isso”, implorou. Estava. Mas não por um motivo qualquer.

Gritos ecoaram em um barzinho ali perto. As pessoas se entreolharam. “Mais uma! Já é a quarta essa semana”, um falou. Continuaram a beber.

[Laís Thomaz Bastos]

[*]

Carlos ia ao bar todas as noites, bebia, se divertia, beijava a garçonete, voltava para casa e dizia à sua mulher que nunca faria nada de errado com ela.

[Bruno Rosenblit]

[*]

Tentando se manter acordado após uma noite de trabalho não remunerado, Osmar esperava o café fazer efeito. Quando acordou, já não havia mais trabalho...

Procurando Emprego

[André Monteiro]

[*]

Desilusão

Cantava músicas em dezembro, Mauro, foi
assassinado depois que deixou a favela.

[Thales Correa Tavares]

[*]

Anderson da Costa saiu de casa às cinco da manhã como sempre. Não voltou como nunca.

[Rafael Rivelino]

[*]

Às quatro e meia da manhã, nas margens de um rio bem calmo, os amigos sobem de pé em suas pranchas e canoas e vão para a água, com um remo nas mãos. Cansados do trabalho da véspera, estão à espera de Pedro Paulo, o barqueiro, que, antes do Sol nascer, atravessa o rio com sua barca, agitando a correnteza. Ao balançar nas poucas ondinhas que são formadas na água que antes estava parada, os meninos aproveitam o pequeno momento de descanso e diversão, para depois voltar para terra e esperar mais um dia começar.

[Davi Terra]

[*]

Fernanda acordou com barulhos de caminhões, colocou sua única roupa e tentou achar alguma comida no lixo para o seu irmão. Encontrou um papel com um endereço dentro do lixo, Rua Pombal, 557. Teve um pressentimento de ir atrás desse lugar. Chegou na casa, branca com portões vermelhos, mas meio antiga. Estranhamente, a porta estava aberta. Entrou. A casa estava completamente vazia. Finalmente um lugar sossegado para dormir.

[Helena Brotherhood Pimentel]

[*]

Estava chovendo muito forte, a energia caiu e eu precisava escrever.

Minha mesa era iluminada por velas, eu estava escrevendo à mão em um papel que já estava amarelado de tão velho e me sentia um escritor do século XVIII.

Eu precisava escrever, precisava muito, o destino do mundo dependia das palavras que eu colocasse naquele papel.

Mas eu não sabia sobre o que escrever, minha cabeça estava tão vazia que, quando eu finalmente tive uma ideia, duas das minhas velas já tinham acabado. Mas aquela ideia era ruim, então eu decidi esperar por outra.

Mais duas velas já tinham se passado quando eu tive outra ideia, uma ideia incrível, sensacional, maravilhosa, nunca vista antes, revolucionária, uma ideia que entraria para a história, uma ideia tão ousada que minhas mãos estavam tremendo de vontade de colocá-la em prática.

Foi com as mãos tremulas que eu me levantei da cadeira, fui até a cozinha e fiz um sanduíche de queijo.

[Nina Furlan]



São Paulo, 2019

[CONTOS COMPACTOS]



VERA CRUZ